EUCLIDES NETO e a decadência do ciclo do cacau

Cid Seixas

O livro do escritor e jornalista Elieser Cesar *O romance dos Excluídos: terra e política em Euclides Neto,* de 2003, nasce como um estudo essencial para a compreensão de um segundo momento da ficção grapiúna. Se Jorge Amado e Adonias Filho, para vislumbrarmos dois marcos de altitude relevante na literatura brasileira – um da geração de 30 e o outro da geração de 45 –, constroem o inventário épico da fundação de uma nova cultura de

léguas prometidas nas terras do sem fim, Euclides Neto fixa a sua obra no momento de apogeu e prenúncio da decadência desta mesma cultura do cacau.

Elieser Cesar observa que Euclides Neto retoma a saga da região do cacau onde Jorge Amado parou: na consolidação da lavoura cacaueira e do seu processo civilizatório. Embora o leitor polêmico possa discordar desta afirmativa, quando feita de modo peremptório, lembrando que o próprio Jorge Amado já propõe o desdobramento da sua saga, focando a substituição dos desbravadores pelos herdeiros, a afirmação de Elieser Cesar não cai no vazio, pois é com Euclides Neto, contemporâneo e protagonista deste segundo ciclo, que o foco se desloca dos momentos heróicos para os momentos da simples e pura exploração do trabalho dos homens e mulheres de

eito. Os novos "coronéis da cidade" vivem exclusivamente do usufruto de uma terra por outros lavrada.

Na monumental síntese do chamado ciclo do cacau, por ele mesmo construído, Amado não se limita em *Tocaia Grande – a face obscura* a percorrer os velhos caminhos da sua ficção. Ele se reapropria dos seus temas e tipos para anunciar o processo de degeneração dos heróis trágicos da epopéia grapiúna em bufões de uma tragicomédia macabra. É o que ocorre claramente na construção de uma personagem caricata e metonímica como o bacharel Venturinha, novo coronel de gabinete; em tudo antagônico à figura emblemática do ex-jagunço Natário da Fonseca, investido das funções de capitão descobridor e fundador de Tocaia Grade, uma nova Canudos nascida do sonho dos excluídos.

Se o capitão Pedro Álvares Cabral funda, nas mesmas terras do sul da Bahia, uma nação para uso e proveito del-Rei, o capitão Natário da Fonseca intenta fazer ressurgir uma outra Canudos, uma cidadela também sitiada e exterminada, até mesmo no nome. Entre Tocaia Grande, reduto de bravos, e Irisópolis, metonímia de uma nação corrompida, se interpõe a face obscura.

Convém observar que esse livro da maturidade de Jorge Amado, publicado nos anos oitenta, é posterior à vertente do trabalho de Euclides Neto, iniciada com *Os Magros*, de 1961. Consideradas as datas, podemos repetir a afirmação de Elieser Cesar, segundo a qual Euclides Neto retoma a saga onde Jorge Amado parou.

> "Em Euclides Neto não vemos mais a expansão e a cristalização do poder

dos coronéis. Em seus livros não temos mais a ligação telúrica do proprietário com o solo da promissão e do lucro. A fazenda é, em geral, o meio pelo qual o proprietário vive de rendas.

Diríamos que este escritor enceta a história da decadência das terras do cacau, iniciada quando o proprietário,

> herdeiro do antigo coronel, já não vive na fazenda, mas em Salvador, numa luxuosa mansão e entrega todos os cuidados da roça ao capataz, aguardando apenas a remessa dos lucros para sua conta bancária." (Cesar, 2003, p. 12.)

Para traçar a analogia a partir de fraturas entre o fulcro do conjunto das obras de Jorge Amado sobre a região do cacau e o cerne dos romances de Euclides Neto que constituem a "tetralogia dos excluídos", o estudioso parte da identidade entre os dois romancistas: a luta de classes nas terras do cacau. Nesse percurso de aproximação, o livro está centrado nos romances *Os Magros*, de 1961, *O Patrão*, de 1978, *Machombongo*, de 1986, e *A enxada*, de 1996, enquanto integrantes do painel caracterizado por Elieser Cesar como uma tetralogia dos excluídos.

Para a compreensão do texto de Euclides Neto enquanto retomada dos modelos da literatura comprometida com o realismo e a raiz telúrica dos anos 30, o autor recua ao romance social do século XIX, traçando um painel sumário de um século: 1830-1930. Em seguida, como antecessor imediato da eclosão da tetralogia de Euclides Neto, Cesar vai buscar os fundamentos e ensinamentos marxistas postos em prática na coleção Romance do Povo, dirigida por Jorge Amado e publicada pela Editorial Vitória, de 1953 a 1955, incluindo vinte obras tomadas como arquétipos do realismo socialista.

> "Impulsionada pelos propagandistas do regime soviético, em várias partes do mundo, a discussão sobre o realismo socialista granjeou defensores fora da URSS, conquistando a simpatia das

> democracias populares e dos partidos comunistas dos países capitalistas. A partir de 1948, inflamou também os escritores brasileiros, sobretudo aqueles ligados ao Partido Comunista Brasileiro". (Cesar, 2003, p. 43.)

Autor de ensaios, crônicas e romances, Euclides Neto se iniciou nas artesanias da escrita com a geração emblemática de 45, marcada pela fusão do veio telúrico dos anos 30 com os tumultos e as exigências de um mundo novo que se refazia. Convém reafirmar, portanto, que Euclides Neto pertence, cronologicamente, à geração literária de 45: tendo nascido em 1925, publica dois romances da juventude que precedem *Os Magros*. São eles – *Berimbau*, em 1946, e *Vidas Mortas*, em 1947. Desse modo, o homem e o escritor vivem as inquietações ideológicas comuns aos jo-

vens dos anos 40 e 50, inquietações essas que irão refletir as preocupações de um Brasil marcado por golpes, tentativas de golpes e governos instáveis, dos anos 30 aos 60, quando ele inicia a sua tetralogia, um pouco antes de se abater sobre o país a longa ditadura militar de 64. O tom inflamado que, às vezes, parece ecoar ingenuamente as obras de Jorge Amado e de Graciliano Ramos representa uma tentativa de responder, nos anos 60, aos mesmos problemas sociais que atravessam incólumes a primeira metade do século.

> "Publicado em 1961, *Os Magros* é, do ponto de vista estilístico, o mais ousado livro de Euclides Neto. Escrito com a técnica do contraponto, o romance é a história de duas famílias opostas em tudo e diferenciadas pela miséria e pela opulência. Novamente encontramos o *leitmotiv* da obra do escritor grapiúna: a luta de classes nas terras do cacau da Bahia. Em *Os Magros* podemos identificar um diálogo intertextual com dois outros romances da literatura brasileira, ambos representantes da temática social nordestina dos anos 30: *Cacau*, de Jorge Amado, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos." (Cesar, 2003, p. 81.)

Se o romance *Os Magros* é considerado por Elieser Cesar como o livro de Euclides Neto mais ambicioso na sua es-

trutura literária, *Machombongo* ocupa idêntico lugar no que diz respeito à concepção política. Resgatando do esquecimento os anos de chumbo do regime militar e a heróica resistência de alguns brasileiros mais ousados, o romancista se vale de personagens reais, como o deputado Haroldo Lima, e de personagens quase fictícios, como o coronel Rogaciano Boca Rica, para fixar o painel das grandezas de poucos e das misérias de muitos, sob as botas dos generais-presidentes.

Na fixação do contexto social em que surge o primeiro romance da tetralogia dos excluídos, Elieser Cesar remete o leitor para o final dos anos 50 e o início dos anos 60, quando os ideais nacionalistas e de esquerda entravam em choque, no plano continental, com o imperialismo e as garras das águias norte-americanas e, no

plano nacional, com fome no campo, gerada pelo latifúndio improdutivo.

Curiosa é a relação feita entre *Os Magros* e um romance publicado no ano anterior: *Irmão Joazeiro*, de Francisco Julião (1960). Pouca gente sabe que o conhecido deputado e líder das Ligas Camponesas também se valeu da literatura como arma de combate político e social. É possível que o romance de Julião não tenha chegado ao conhecimento de Euclides Neto, mas as lutas dos trabalhadores rurais, bem como a criação da Sociedade Agrícola dos Trabalhadores de Pernam-

buco, núcleo da organização camponesa que precedeu os atuais movimentos pela reforma agrária, por certo não escaparam ao olhar atento do escritor grapiúna.

No mesmo ano em que Euclides Neto publica *Os Magros*, ocorre a sua eleição para prefeito de Ipiaú, culminando com a desapropriação de terras improdutivas para a implantação de uma propriedade coletiva destinada a possibilitar a agricultura de sobrevivência a centenas de trabalhadores rurais que alugavam sua força e seu suor às grandes propriedades dessa região de monocultura. A concretização da utopia do prefeito-escritor passou a ser conhecida como Fazenda do Povo e, com o golpe de 1964, Euclides Neto quase foi arrancado do cargo para o qual foi eleito e a sua mais importante obra de caráter social foi esmaecida, por parecer aos do-

nos do poder e à lógica das baionetas um perigoso precedente comunista.

Nesse livro, *O romance dos Excluídos: terra e política em Euclides Neto*, Elieser Cesar considera o autor de *O Patrão* o nosso último escritor militante de esquerda. Ao tempo em que empreende uma abordagem crítica da importante tetralogia desse ficcionista baiano, não descuida de possibilitar ao leitor uma contextualização indispensável à compreensão dos romances estudados.

A edição do presente trabalho crítico de Elieser Cesar, que foi originalmente a dissertação com a qual obteve o seu Mestrado em Letras pela Universidade Federal da Bahia, coube a uma iniciativa da Editus, Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz. Como se sabe, a UESC está localizada em Ilhéus, na estrada que liga esta centenária cidade a Itabuna,

outro importante pólo da região sul da Bahia. Com a publicação do estudo consagrado à tetra-logia de Euclides Neto, a Universidade da zona do cacau presta uma importante contribuição aquilo que a região tem de mais rico: a cultura da invento, representada pela presença solar dos escritores grapiúnas.

SEIXAS Cid. Euclides Neto e a decadência do ciclo do cacau. Salvador, *Iararana,* nº 10, dezembro de 2004, p. 71-73.